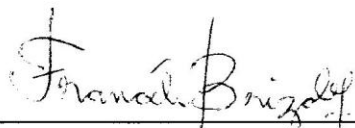


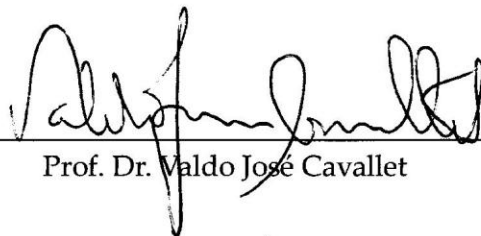
PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pela Orientadora, Professora Doutora **FRANCÉLI BRIZOLLA**, realizaram em **06/11/2010** a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do estudante **ELIAS JOSÉ FERREIRA ROMUALDO**, sob o título "**INDISCIPLINA ESCOLAR**", para obtenção do Título de *Especialista em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo o estudante recebido conceito "APL".

Matinhos, 10 de dezembro de 2010.



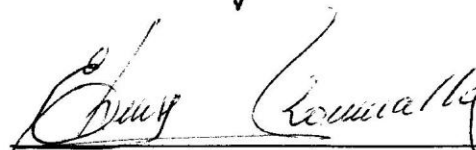
Prof.^a. Dra. Francéli Brizolla



Prof. Dr. Valdo José Cavallet



Prof.^a. MSc. Giselle Ávila Leal de Meirelles



Estudante

Elias José Ferreira Romualdo

Conceitos:

APL = Aprendizagem Plena

APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente

OBSERVAÇÃO:

CASO O(A) ESTUDANTE SEJA ORIENTADO(A) A REFORMULAR SEU TRABALHO, DEVE-SE REGISTRAR NO VERSO OS REQUISITOS APONTADOS PELA BANCA PARA O ACEITE FINAL DO TRABALHO.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR LITORAL

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL: A QUESTÃO SOCIAL NA
PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

ELIAS JOSÉ FERREIRA ROMUALDO

INDISCIPLINA ESCOLAR

MATINHOS

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR LITORAL

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL: A QUESTÃO SOCIAL
NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

ELIAS JOSÉ FERREIRA ROMUALDO

INDISCIPLINA ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito parcial para a obtenção de título no Curso de Especialização em Serviço Social: a Questão Social na perspectiva interdisciplinar, da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral.

Orientadora: Profª Drª Francéli Brizola

MATINHOS

2010

RESUMO

ROMUALDO, Elias José Ferreira. **Indisciplina escolar: como fruto da crise dos sentidos e paradigmas**. Artigo (Curso De Especialização Em Serviço Social: A Questão Social Na Perspectiva Interdisciplinar). Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral. Matinhos, dezembro,2010.

Resumo

A questão da disciplina é muito complexa vai além de prestar atenção na aula , esta envolve a formação do caráter , da cidadania e da consciência do sujeito. Dentro da instituição escolar há um consenso entre os educadores que de maneira geral concordam que sem disciplina não se faz um trabalho pedagógico significativo. Problemas de indisciplina são temas de destaque nas reuniões pedagógicas com freqüência professores encontram-se preocupados e estressados diante de alunos com esse tipo de comportamento. Na escola existe todo um sistema de direitos e deveres que constituem aquilo que se chama de disciplina escolar. Este artigo procura discutir algumas causas da indisciplina escolar, afim de refletir em prol de uma melhor prática pedagógica que como consequência viabilize uma convivência harmoniosa entre professor e aluno.

Palavras-Chave: Indisciplina , Professor, Aluno

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| RESUMO | |
| 1 INTRODUÇÃO | 05 |
| 2 AS CAUSA DA INDISCIPLINA | 06 |
| 2.1 Família..... | 06 |
| 2.2 Escola | 08 |
| 2.3 Sociedade..... | 11 |
| 2.4 Professor | 14 |
| 2.5 Aluno | 17 |
| 3 CRISE DOS SENTIDOS E DOS LIMITES | 18 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 22 |
| 5 REFERÊNCIAS | 24 |

INDISCIPLINA ESCOLAR

INTRODUÇÃO

Até pouco tempo afirmavam os estudiosos que para o bom funcionamento de uma Escola se fazia necessário a implantação de um processo chamado de “democratização”, que tinha basicamente como objetivo o envolvimento dos gestores (escola e sua estrutura), professores (sua conduta), alunos (seu comportamento) e a família (participação efetiva), a participação destes seguimentos no processo definiam o perfil da referida Escola. O mal funcionamento de um desses seguimentos naturalmente colaboraria para o surgimento da indisciplina generalizada e a falência da Escola.

A partir do tema indisciplina pode-se fazer algumas indagações, como: a indisciplina do aluno pode ser conseqüência da indisciplina do Sistema, da Escola, dos professores ou mesmo da própria família? A queda na qualidade do ensino ofertado nas escolas, seria fruto da indisciplina dos alunos ou dos professores? A indisciplina do aluno é causada pela desestruturação das famílias? Esta atitude dos educandos ocorre somente nas escolas públicas? A indisciplina seria de um modo geral gerada pelo Sistema, Escola, professores e alunos?

Este artigo busca refletir sobre a indisciplina escolar , a fim de orientar discussões com a família e equipe pedagógica sugerindo novas praticas pedagógicas aos profissionais da educação que encontram-se perplexos e angustiados diante do comportamento dos alunos, isso se reflete tanto nas escolas estaduais como nas municipais onde a faixa etária é menor.

De acordo com VASCONCELLOS (2004, p.25) há alguns anos o grande problema da disciplina era da 5ª série em diante, atualmente já existe reclamação de professores de 1ª ou 2ª série, sem contar alguns casos de reclamação de professores de Educação Infantil. Para esses profissionais nunca a situação em sala de aula esteve tão difícil como agora.

Ainda de acordo com o mesmo autor (2004, p.26) a indisciplina frequente em sala de aula está aumentando tanto na escola publica quanto privada e preocupa o professor. Sendo assim, “as causas da indisciplina

podem ser encontradas em cinco grandes níveis: família, escola, sociedade, professor e aluno.”

2. AS CAUSAS DA INDISCILINA

2.1 FAMÍLIA

Sem dúvida as transformações e mudanças sócio econômicas que têm ocorrido no mundo, reflete-se na organização familiar. Nessa perspectiva, novas estruturas familiares estão se constituindo como uma forma de manifestação de uma nova sociedade. Juntamente com essas novas construções familiares surgem novos conflitos, no entanto, independente da estrutura a família é provedora e responsável pela criança.

Consequentemente, tem-se que superar o modelo patriarcal de família e buscar quais são as novas formas de lidar com essa nova organização familiar.

As transformações sociais que vêm ocorrendo nas últimas décadas trazem conseqüências significativas para a estrutura e a dinâmica da família. A saída da mulher para o mercado de trabalho, as novas necessidades de consumo, os novos valores que se impõe às famílias, à cultura do narcisismo, entre outros, trazem uma nova e as vezes difícil realidade para aqueles que se aventuram constituir uma família (LIPOVETSKY, 1995 apud CHIELLE 2006, p. 141).

Dessa forma, não se pode deixar de pensar na influência das novas dinâmicas familiares na formação da criança, pois a família além das necessidades físicas é também responsável pela vida em sociedade da criança.

De acordo com BALTASAR e MORETTI (2008, p. 132) a aprendizagem se inicia no lar, com atividades básicas nas quais a família ensina o respeito, o amor e a solidariedade, o que é básico para a convivência humana e social e para estabelecer o equilíbrio entre os impulsos de destruição internos. A criança chega à escola levando consigo aspectos constitucionais e vivências familiares.

Consequentemente, os cuidados proporcionados pela família, a maneira como as relações vinculares são estruturadas e vivenciadas além do momento histórico cultural, influenciarão na constituição da criança.

É a família que fornece base afetiva que prepara a criança para as relações de sua maturidade, ela tem a responsabilidade de formar o caráter, educando para as dificuldades da vida e transmitindo valores éticos e morais (ARANHA, 1996 FERNANDES, 2003 apud CHIELLE 2006, p. 142).

Na sociedade de hoje, muito se fala do enfraquecimento da instituição familiar devido à desagregação de sua estrutura, o desinteresse pelo sentido da tradição e a diluição dos vínculos. Todos esses fatores, somados à ausência de autoridade e de firmeza na educação, alimentada pelo medo de criar filhos reprimidos, como outrora acontecia, acaba favorecendo uma educação que não trabalha com a natureza narcísica da criança, não evoluindo em direção às normas de convivência. CHIELLE 2006, p. 144).

Interessante notar que ao mesmo tempo em que sociedade quer ou participa das transformações familiares não consegue se adaptar a essas transformações.

Para ARANHA (1996 apud CHIELLE 2006, p. 144) é como se a sociedade estivesse vivendo o limiar de uma nova realidade para a família, algo que está sendo construído totalmente ao contrário do que hoje existe e que desperta, muitas vezes, o culto a antiga família "porque no meu tempo não era assim" ou "na minha época as coisas funcionavam...".

Como uma instância de ligação entre o indivíduo e a sociedade, a família deveria promover um indivíduo disponível ao convívio social. Mas o que se observa é que os papéis preestabelecidos pela família tradicional, passam a ser substituídos por projetos de vida em que, a individualidade, adquire cada vez mais importância social. Dessa forma, quando não existe mais um modelo determinado de família a ser seguido, o indivíduo é submetido a repensar e buscar estilos de vida frequentemente. Portanto, fica difícil evitar que a ansiedade e a incerteza façam parte do contexto da família, que encontra cada vez menos verdades prontas e cada vez mais valores que em grande medida têm de ser construídos por todos (FALCETO e WALDEMAR, 2001 apud CHIELLE 2006, p. 145).

O modelo tradicional de família já não consegue mais dar conta de uma variedade de novas configurações familiares que estão surgindo (pais separados ou com filhos do antigo casamento, mulheres sendo chefes de família, drogadição causando abandono das crianças) . Assim novas constituições familiares oferecem novos desafios, nessa perspectiva, torna-se importante manter a hierarquia dos papéis e atribuições de cada um, sempre com respeito entre os membros desta família .

Lajonquière (1996;p.49) afirma que a indisciplina seria indício de uma carência estrutural que se alojaria na interioridade psíquica do aluno, determinada pelas transformações institucionais na família e desembocando nas relações escolares. De uma forma ou de outra, a gênese do fenômeno acaba sendo situada fora da relação concreta entre professor e aluno, ou melhor, nas suas sobredeterminações.

Logo, a indisciplina não se refere exclusivamente ao aluno, tratando-se de um problema de cunho psicológico/moral. Também não é possível creditá-la totalmente à estruturação escolar e suas circunstâncias sócio-históricas.

2.2. ESCOLA

Segundo Prestes (1996; p. 54) como resultado da evolução cultural e social a escola constitui-se em fragmento da totalidade da práxis pedagógica . Sua função social e a de reprodução, que se manifesta no sentido de legitimar aqueles conhecimentos e valores que veicula e transforma em capital cultural.

A escola é parte de um sistema mundial contraditório, caracterizado pela modalidade capitalista de produção e que, através da universalização do saber, da acumulação de capital e da divisão interna do trabalho, liberou por um lado possibilidades e promessas emancipatórias , que todavia mantém direitos humanos , elevação do nível de vida, mas que, por outro , também deu lugar ao surgimento de conflitos de poder, potenciais de exploração e ameaça, entre as sociedades diversas em seu interior, ligados a apropriação do saber, ao capital e à divisão do trabalho, perigos que todavia hoje seguem em plena vigência . (Adick 1989; p. 70 apud Prestes 1996; p. 55)

Ainda de acordo com a mesma autora (1996; p 55-56) pode-se dizer que a escola moderna: é um instrumento de reprodução da humanidade, que mantém tensão dialética entre perspectivas emancipatórias e conservadoras , participa da produção e transmissão do saber, bem como de sua seleção e legitimação, mantém uma combinação de educação e ensino, promove a aprendizagem da racionalidade, é uma das instâncias da formação do ser humano, do seu conhecimento e da sua moral

Para VASCONCELLOS (2004; p.27) há uma profunda mudança na relação escola-sociedade , essa mudança ocorreu nos últimos 30 a 40 anos ; por exemplo a algumas décadas atrás tinha-se;

- valorização social da escola enquanto instrumento privilegiado de ascensão social;
- valorização do professor como mediador da ascensão social (status);
- formação mais consistente do professor;
- remuneração mais condizente para professores;
- escola, via professor como fonte privilegiada de informações;
- apoio incondicional da família à escola;
- o perfil dos usuários que freqüentavam a escola tinha maior afinidade com o tipo de saber que ali era vinculado.

O mesmo autor (2004; p.27) aponta alguns indícios dessa transformação incluindo escola e professor das últimas décadas :

- expansão quantitativa X deteriorização qualitativa
- aumento efetivo do número de vagas do ensino superior na escola particular;
- fragmentação e esvaziamento na formação de professores;
- degradação das condições de trabalho (falta de instalações adequadas, equipamentos, material didático).

Paralelamente, houve crescimento do senso crítico dos educadores, com a contribuição, por exemplo, na década de 70, da sociologia crítica francesa. Tudo isso provocou um profundo mal-estar, uma verdadeira crise entre os educadores, crise esta, até hoje não bem compreendida nem resolvida.

Outro fator de extrema importância para a crise da disciplina na escola e na sala de aula está na queda do mito da ascensão social através da escola . pois, até alguns anos atrás a escola não era um espaço “agradável” mas os alunos tinham uma motivação extrínseca: “ser alguém na vida” . Atualmente, com a queda deste mito, fica muito mais difícil para o professor conseguir um comportamento “adequado” do aluno, ainda que de passividade. (VASCONCELLOS 2004; p.28)

A escola pode ser considerada um foco de indisciplina devido a uma série de fatores como: sua organização interna, por seus sistemas de sanções, pela não integração pela sua equipe docente e administrativa, pelo estilo da autoridade exercida. No entanto, o mais agravante refere-se a ausência de clareza como encara a questão disciplinar .Nessa perspectiva, ANTUNES afirma (2002; p. 19) que a escola prepara seus alunos para o sucesso, jamais para a felicidade; para a universidade, jamais para a vida.

O Sistema tem sua parcela significativa de contribuição nas causas da indisciplina escolar quando provoca a falta de continuidade e de avaliação de resultados dos projetos e reformas que são colocados em prática e logo depois retirados. Aos professores cabe apenas o papel de executor dos projetos teóricos decididos nos gabinetes. Sem dúvida, se os professores fossem ouvidos antes da implementação de uma mudança, dariam grandes contribuições no sentido de, por exemplo, alertar para as necessidades, para a execução bem-sucedida, mas teria que ser ofertado a eles a oportunidade de serem ouvidos antes de se começar a operacionalização.

A partir dessas observações ANTUNES (2002; p.20 e 21) sugere mudanças de postura dentro da instituição escolar como: A definição clara de algumas regras disciplinares estabelecidas democraticamente entre diretores, professores e alunos, o estabelecimento de canais de comunicação entre os alunos, diretores, pais, orientadores e professores além da criação de salas de recursos para ajuda a alunos com dificuldades cognitivas ou emocionais.

Ao abordar o professor, ANTUNES (2002; p. 22) ressalta que profissionais mal preparados podem ser reciclados e se trouxerem dentro de si mesmo a vontade de mudança, não há por que não investir em sua melhoria. Já profissionais apáticos, desinteressados e desanimados devem ser substituídos.

Nessa perspectiva, ANTUNES (2002; p. 23) passa a refletir sobre os aspectos os quais interferem na indisciplina da sala como: assiduidade e pontualidade, quem atua em sala já percebeu que o atraso do professor ou suas faltas gera um ambiente de frustração e até que chegue um substituto a bagunça já foi instaurada. Caso a aula não seja planejada tendo um discurso não contextualizado, a indisciplina é inevitável.

Ensinar não é fácil e educar mais difícil ainda; mas não ensina e não educa quem não define limites, quem não constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é permitido. O professor jamais pode acreditar nessa bobagem de que cada aluno já sabe o que pode e o que não pode. Ninguém cresce se não é desafiado e todo jovem para crescer necessita desafiar. Por isso mesmo, esses limites têm que ser claros, lúcidos, reiterados. A aula necessita estar internalizada no aluno, assim como as regras de um esporte no seu praticante. (ANTUNES 2002; p. 24)

2.3. SOCIEDADE

Para VASCONCELLOS (2004; p.28) as mudanças na família e escola são reflexos da sociedade como um todo. Segundo ele nos últimos quarenta anos observou-se a sociedade predominante tornava-se urbana com a descentralização econômico, rural, afetivo, religioso havendo um acelerado processo de industrialização e de expansão das telecomunicações. Em um período mais recente, pode-se observar:

- crise ética;
- concentração de renda;
- economia recessiva;
- desemprego, subemprego;
- economia baseada na produção de bens de não primeira necessidade;
- meios de comunicação na mão de poucos e poderosos grupos;
- gasto elevadíssimo e alta qualidade de propaganda nos meios de comunicação;

Ainda de acordo com o mesmo autor (2004, p. 29) Esse processo de indução ao consumismo projeta uma sociedade que pensa em satisfazer-se imediatamente, assim o individuo tende a ter pouca tolerância a frustrações.

Essa sociedade consumista surge juntamente com a revolução tecnológica a partir de 1970. De acordo com FLECHA e TORTAJADA (2000, p 22), Muitas são as mudanças decorrentes desse momento, na sociedade industrial havia o predomínio da indústria um crescimento de serviços em detrimento da agricultura. Caracterizados como setor secundário a indústria, terciário os serviços e primário a agricultura, hoje se tem um novo setor conhecido como quartenário ou informacional em que a informação é a matéria prima e seu processamento é a base do sistema econômico.

No desenvolvimento do citado setor, acontecem majoritariamente diferentes modos de articulação que podemos resumir em duas tendências conforme a posição econômica do país e as políticas governamentais realizadas: a mudança no processo de produção e o surgimento de novas atividades e profissões . (FLECHA e TORTAJADA 2000, p 22).

O processo de industrialização, a revolução nos transportes e o modo de produção capitalista transformam a economia local em economia mundial. Com o industrialismo capitalista observou-se a divisão do trabalho, e hoje, além da divisão observa-se as alianças e cooperação feitas pelas grandes empresas, essas organizações entre redes interagem entre si, em um processo de sistema econômico de informações. Esse modelo de organização empresarial prioriza a participação dos trabalhadores e promove uma produção com modelos baseados em franquias e subcontratação .

Nessa perspectiva, observa-se que na área da educação as pessoas que não possuem as competências para criar e tratar a informação , ou aqueles conhecimentos que a rede valoriza , ficam excluídas. Sendo assim, a educação pode ser responsável pela exclusão ou ser uma alavanca propulsora no acesso aos meios de informação e produção.

Esse potencial de democratizar o acesso à produção e ao mercado trunca-se, já que embora todos nós tenhamos capacidades,nem todas são valorizadas da mesma maneira. A forma como se organiza, codifica-se e transmite o conhecimento está de acordo com a dos grupos privilegiados, e, conseqüentemente, são as pessoas que não dominam as habilidades impostas por tais grupos que correm o risco de

ficar excluídas dos diferentes âmbitos da sociedade informacional. (FLECHA e TORTAJADA 2000, p 24).

Logo, a educação deve facilitar o acesso a uma formação baseada na aquisição de conhecimento, deve permitir o desenvolvimento das habilidades como a seleção e processamento de informação, autonomia, trabalho em grupo, capacidade de tomar decisões, habilidades necessárias em uma sociedade de informações.

Como estimular um aluno que vive numa sociedade que pouco ou nada valoriza o saber e a ética, que não valoriza as pessoas cultas ou seja um cientista, pesquisador e outros. Uma sociedade que não valoriza o trabalho, onde a cultura é do trabalho fácil e pouco e do ganhar muito. uma sociedade onde a valorização do “ter”, especialmente em se tratando de bens materiais, a fama, a riqueza monetária, o poder, além de estimular fortemente o consumismo e o imediatismo e não do saber, reflete diretamente nos alunos e pais, fazendo com que este aluno espere tudo de mão beijada. Esta profissão desprestigiada, mal remunerada, e muitas vezes sobrecarregada com a responsabilidade de trabalhar na solução dos problemas de trânsito, saúde, sexo, ambiental, social, psicológicos e outros que são encaminhados para a Escola trabalhar, além dos vários projetos experimentais colocados pelo próprio sistema educacional.

Para ZAGURY (2006; s/p) As escolas são hoje menos atraentes e menos equipadas do que aquilo que os alunos têm em casa ou à disposição na sociedade (jogos eletrônicos, computadores, TV, etc.). Mas esse é apenas um dos fatores. O desemprego alto é outro. Pessoas com boa formação nem sempre conseguem emprego, o que é também fator de desestímulo. A supervalorização de bens materiais em detrimento do saber e dos valores éticos seria um outro; todos querem “vencer na vida”, mas, em tempos de consumismo, imediatismo e hedonismo como os atuais, o querem de forma fácil, fazendo só o que gostam e, de preferência, sem ter que “suar” muito a camisa. Daí por que tantos jovens de classe abastada têm se envolvido em atos anti-sociais como o envolvimento com drogas. Dinheiro fácil, sucesso, fama e poder são elementos que seduzem as novas gerações muito mais do que estudar Matemática ou a leitura de um bom livro.

Ainda de acordo com mesma autora (2006) o modelo de educação brasileira está longe de encontrar a fórmula para democratizar o acesso ao saber. Ao contrário, nada vai bem nesse setor, em que os profissionais foram colocados contra a parede pela indisciplina dos alunos, pela omissão da família, pelas políticas públicas equivocadas e sem lastro na realidade, pela má remuneração e excesso de tarefas. Na outra ponta, os alunos concluem o Ensino Médio sem dominar a leitura nem os fundamentos da Matemática, e o país figura nos últimos lugares das avaliações nacionais e internacionais dos sistemas educativos.

2.4. PROFESSOR

VICHESSI (2009;p.81) afirma que a atuação inadequada do professor em sala é outra causa da indisciplina. pois, a autoridade do professor perante a classe só é conquistada quando ele domina o conteúdo e sabe lançar mão de estratégias eficientes para ensiná-los. Caso contrário a aula fica entediada e os alunos buscam algo diferente para fazer caracterizando a indisciplina.

As estratégias usadas atualmente por grande parte dos professores para lidar com a indisciplina têm sido desastrosas , observou-se que a repreensão não funciona se funcionasse não seria a indisciplina não seria apontada como o aspecto da Educação com o qual é mais difícil lidar em sala de aula.

Erro comum em regimentos escolares é situar regras morais e convencionais num mesmo patamar. As morais merecem mais atenção. Já as convencionais estão mais ligadas ao andamento do trabalho. Ao distingui-las, você será capaz de interpretar melhor uma transgressão e, assim, encaminhá-la adequadamente. (2009;p.81)

VASCONCELLOS (2004; p.35) afirma que a visão que o educador possui de sua ação pedagógica é de fundamental importância para a construção da relação educacional. A visão deste profissional hoje está marcada pela contradição liberdade/repressão: de um lado educadores que

veem disciplina a sob uma ótica de repressão e contra essa concepção temos os educadores com a premissa de liberdade total.

Os professores com postura autoritária tem sua teoria baseada na escola tradicionalista e buscam privilegiar o aspecto repressivo do controle de alunos.” A ação pedagógica nesse caso transforma-se numa verdadeira guerra, por debaixo da falsa harmonia do respeito formal, destrói o relacionamento e o compromisso educacional.” (VASCONCELLOS 2004; p.35)

Em contrapartida tem-se os professores que assumem uma postura liberal e acabam permitindo todo tipo de manifestação .

SILVA (2009 s/p) afirma que a disciplina conseguida por coação contribui para a formação de indivíduos passivos, obedientes, dependentes, imaturos e que não compreendem o contexto social no qual estão inseridos. Já a disciplina construída por convicção, auxilia para formar sujeitos ativos, autônomos, responsáveis e que tem no diálogo a base de seu desenvolvimento.

É este modo de ser que denuncia o caráter errôneo dessa prática educacional: ela nasceu apenas como uma reação imediata à prática repressora.

A concepção moderna, escolanovista, vai praticamente fazendo uma contraposição dicotômica ponto por ponto em relação à tradicional. Ou seja, surge como simples negação da prática tradicional e não como superação por incorporação. (VASCONCELLOS 2004; p. 36)

Gramsci (1930; p. 165 apud VASCONCELLOS 2004; p.37) diz e seu discurso que o espontaneísmo só aparentemente respeita a natureza do educando e na verdade é, para ele, um abandono completo nas mãos do autoritarismo do ambiente e para o educador a renúncia a educar.

De acordo com Estrela (2002; p.86) as perspectivas psicológicas de caráter individualizante e corretivo são postas em causa pelas abordagens de caráter sociológico e pedagógico.

Nessa perspectiva, o aluno deixa de ser o centro da análise dos fenômenos de disciplina e indisciplina e as variáveis do contexto social e pedagógico recebem a maior atenção. “O aluno transforma-se em ator-vítima de uma série de circunstancialismos adversos e a despersonalização

provocada por este tipo de imputação do desvio torna-se em si mesmo uma das causas de indisciplina.” (Estrela 2002; p.86).

Essa mesma autora (2002; p.86) apresenta a indisciplina sob a ótica de diversos autores como por exemplo: Bordieu e Passeron, o qual afirma que a resistência dos alunos à autoridade significa a resistência à imposição de um arbitrário cultural ao serviço da função reprodutora da escola, Baudelot e Establet vão mais longe e vêem na indisciplina atualmente existente uma expressão da luta de classes, que se manifesta, por exemplo, no uso de linguagem grosseira e em atos de vandalismo. No mesmo sentido vão os trabalhos de Willis o qual defende a existência de uma contracultura dos alunos oriundos de meios desfavorecidos como forma de resistência à cultura dominante na escola, fora dos seus interesses e agindo contra eles. Por seu lado, Nizet e Hiernaux vêem na disciplina ou indisciplina dos alunos formas de reação à continuidade ou à ruptura cultural que os alunos encontram na escola e que as estratégias «brandas ou duras» dos professores acentuam.

Esta linha que tende a desculpar o aluno e culpar a sociedade ou a escola, neste sentido é reforçada pelas situações observadas em sala de aula onde o professor é visto como causador da indisciplina do aluno, indisciplina agora concebida como desvio à regra estabelecida. “o sistema de regras na aula é extremamente complexo e mutável, exigindo uma aprendizagem de códigos tácitos para os quais algumas crianças estão menos preparadas. Por isso têm mais dificuldade em situar-se quando o professor não emite sinais claros de transição de atividades e de mudança de regras.”(Estrela 2002; p.87).

Nessa perspectiva, Estrela (2002;p.88) afirma que correntes sociológicas, baseadas no interacionismo, discutem o modo como professores e alunos atribuem significação aos eventos da aula, elaboram estratégias de resposta e se envolvem em negociações sobre o seu comportamento. Assim, a indisciplina resulta de estratégias de resposta dos alunos a situações cuja definição difere da dos professores.

O desinteresse do professor, o descaso com o aluno a falta de posicionamento frente a algumas situações algumas das situações que suscitam a indisciplina do aluno. Nesse processo de relação entre professor e

alunos cada um utiliza as armas de que dispõe para fazer prevalecer os seus interesses.

Se os professores se servem de todo um sistema de punições e gratificações, da parte dos alunos sucede o mesmo. Também os alunos punem os professores pelos seus comportamentos disruptivos, pela não participação, pela imposição da sua personalidade e os gratificam pela ordem e participação. Assim, a relação de poder em que o professor dominava subverteu-se, originando uma relação de poder recíproco, alimentada ainda pelas diferentes concepções de autoridade e poder que os alunos oriundos de culturas diferentes trazem para a escola e pelos valores diferentes que alunos e professores cultivam em relação à escola. (Estrela 2002;p.88)

Consequentemente os professores acabam cedendo para evitar conflitos, diminuindo as exigências tanto no foco educacional como no disciplinar, assim observa enfraquecimento do poder normativo do professor aliado a um sistema produtivo apoiado em objetivos mínimos de aprendizagem.

2.5. ALUNO

Para SACRISTÁN (2005;p.11) O aluno é uma construção social inventada pelos adultos ao longo da experiência histórica, porque são os adultos (pais, professores, cuidadores, legisladores ou autores de teorias sobre a psicologia do desenvolvimento) que têm o poder de organizar a vida dos não adultos As respostas ou manifestações que partem dos alunos são reflexos das relações que mantemos com eles, na maneira de vê-los e de entendê-los, no que esperamos do seu comportamento baseados nas indicações que lhes ofertamos ou mesmo diante de situações vivenciadas por eles, nos parâmetros que servem para estabelecer o que podemos considerar dentro da normalidade ou que fica fora do tolerável.

Ao construir-se a idéia de que por serem ainda muito jovens, sua opinião não importa estes não são convocados a participar e inteirar-se do processo educacional, acabamos por deixá-los na desinformação e ignorando sua participação neste processo. Portando não será de total estranheza, observar grupos de alunos se rebelarem como forma de protestos, conhecido

como indisciplina, e que desta forma diante das vistas dos adultos estes desajustes passam a ficar evidentes.

Observa-se com tanta naturalidade o aluno na nossa vida cotidiana, assim como ele também na sua inexperiência, que se quer questionamos ou somos questionados do que significa essa condição social que é contingente e transitória.

Constata-se com muita naturalidade que , em uma determinada e definida etapa de suas vidas, o seu papel estipulado pela sociedade é ir às instituições escolares todos os dias. Sem que haja uma preocupação por parte das autoridades no sentido de mostrar a eles se isso necessariamente geram conseqüências sempre positivas para eles ou não, como vivem esta tarefa, o que encontrarão ali, que desejos deixam ao sair de suas casas e quais deixam nas portas da escola, que história tem ou que futuro os espera, o que realmente aprenderão e que importância terá isso na sua vida, porque tem que ir na escola todos os dias e na mesma hora. Os discursos em torno da educação nas últimas décadas estiveram muito mais centrados nas instituições escolares, em sua eficácia, no currículo, no êxito ou fracasso escolar, na acomodação da educação ao sistema produtivo ou nas reformas educacionais. “O fracasso escolar preocupa, mas `os fracassados´ nem tanto (SACRISTÁN, 2005 p. 100).

3. CRISE DOS SENTIDOS E DOS LIMITES

De acordo com VICHESSE (2009;p.79) a indisciplina é a transgressão de dois tipos de regra; as morais, construídas socialmente com base em princípios éticos (não xingar e não bater por exemplo) e as convencionais, definidas por um grupo com objetivos específicos (uso do celular e da conversa em sala de aula) .

Para o aluno é difícil diferenciar o que é convenção e o que é norma, enquanto são pequenas as crianças seguem as regras sem questionar a partir dos 9 anos a criança conquista a moral autônoma, ou seja, quando surge o respeito mutuo:

Lajonquière (1996;p.24) afirma que as última década deste século ficará marcada como a época dos problemas de aprendizagem.

Existindo um certo consenso em afirmar que a insuficiência do método de ensino utilizado, bem como o estado imaturo das capacidades psicológicas das crianças contribuem significativamente nesta situação.

No entanto, ainda de acordo com o mesmo autor (1996; p.25) o limite entre os problemas de aprendizagem e os de indisciplina torna-se um tanto difuso alguns comportamentos infantis ora são considerados sob uma rubrica ora sob a outra. Já quando se pergunta especificamente sobre as causas da indisciplina escolar, obtem-se como resposta a enunciação da clássica série de fatores biológicos, familiares e sociais que, embora já tenham sido apresentados como responsáveis pelos problemas de aprendizagem, são também considerados, direta ou indiretamente, determinantes do grau de maturação das capacidades psicológicas do indivíduo. Por último, não é impossível escutar também que a indisciplina bem pode, por sua vez, ser causa dos problemas de aprendizagem.

Para Lajonquière (1996;p.26) Todo ato indisciplina pode ser derivado de uma causa primaria de uma realidade psicológica individual o qual acaba motivando as seguintes interrogações para o professor e o pedagogo : deve-se encaminhar o aluno para uma avaliação clinica com vistas à descoberta das causas desse acontecimento? Ou, deve-se "aplicar uma sanção" ou, simplesmente, "chamar a atenção", na expectativa de contribuir para a correção do desenvolvimento das capacidades psicológicas?

Ao encaminhar um aluno para avaliação psicológica em razão de sua indisciplina espera-se que obter alguma informação útil sobre as causas do episódio. No entanto, a informação recebida revela-se sempre insuficiente;

Pois vir a saber que há supostamente em causa uma falta de "maturação cognitiva", ou um leque variado de situações mais ou menos "traumáticas", não diz muito sobre o caráter singular do curioso acontecimento impossibilidade de não se obter o que se pretende e, ao contrário, apenas ganhar uma série de justificativas psicológicas que não explicam de fato o porquê de Pedro e não de Maria, não dependem da (im)potência profissional do "avaliador". A nosso ver, o problema está na natureza do pedido, isto é, na pretensão de obter um saber sobre a singularidade de um episódio subjetivo. Justamente, enquanto a psicologia se funda no desconhecimento dessa impossibilidade estrutural, a psicanálise dedica-se a assinalá-la.(Lajonquière 1996;p.26)

Para a psicanálise, o sujeito está, por princípio, implicado em todo ato. Assim, o sujeito reconstrói o processo de determinação singular dos acontecimentos pessoais. A capacidade de produzir efeitos subjetivos não deriva da possibilidade de utilização do saber em si, mas, ao contrário, do funcionamento do próprio processo de produção desse saber. Nesse sentido, pode-se afirmar que o saber sobre as causas, enquanto está nas mãos do produtor, guarda todo seu poder; entretanto, quando cai nas mãos de terceiros, revela sua ineficácia, derivada precisamente do singular caráter contingencial, ou seja, de sua forma flexível e mutável. Lajonquière (1996;p.28)

Dessa forma, a pretensão de alguns educadores, de vir a saber sobre a singularidade subjetiva do agir de um aluno, por um lado, está fadada ao fracasso uma vez que apenas ele mesmo poderia, chegado o caso, valer-se "utilmente" de "seu" saber a produzir, e, por outro, acaba contribuindo com a psicologização do cotidiano escolar. Isso é infelizmente assim, pois o fato de pensar que haveria uma essência psicológica da dita indisciplina escolar, bem como que seria possível usufruir institucionalmente de um saber a seu respeito, determina o aparecimento, de direito, de uma série de instâncias de avaliação preventiva, diagnóstico e/ou tratamento escolar ou paraescolar, nas quais hoje em dia cifra-se, paradoxalmente, o destino da empresa pedagógica. (Lajonquière 1996;p.29)

Nessa perspectiva observou-se que nem psicanálise ou psicologização podem fornecer respostas necessárias a educação. Enquanto o saber singular produzido pela e na psicanálise é considerado posteriori pedagogia alicerça o cotidiano escolar a partir da acumulação de um conjunto de saberes ou seja a priori , assim ,o conhecimento a priori se complementa com o conhecimento a posteriori, aquele que se adquire com a experiência.

Pode-se observar claramente este avanço no cotidiano escolar ao questiona-se sobre a aplicação de uma sanção, levando em consideração o fator psicológico da criança indisciplinada, pois até pouco tempo no uso da Pedagogia tradicional era uma prática comum fazer com que o aluno ao cometer atos considerados de indisciplina ficasse fazendo cópias de uma mesma frase por várias vezes.

Verificando o regimento interno da escola , nota-se a existência das regras e das normas morais . As normas morais obedecem sempre a três princípios. Primeiro, são sempre caracterizadas por uma auto-obrigação, ou seja, valem por si mesmas independentemente do exterior, são essenciais do

ponto de vista de cada um. Também são universais, e são universais porque são válidas para toda a humanidade, ninguém está fora delas e todos são abrangidos por elas. Por último, as normas morais são também incondicionais, visto que não estão sujeitas a prêmios ou penalizações, são praticadas sem outra intenção, finalidade.

Lajonquière (1996;p.30) considera que a lei não visa fabricar um indivíduo virtuoso, uma sociedade ideal ou um grupo moralmente homogêneo. Ela coloca em ato uma diferença na medida da falta que instaura no todo. Porém, a regra se justifica numa outra coisa além de si mesma, ou seja, aplica-se em nome da necessidade de dar cumprimento a um programa moral e/ou um processo maturacional de supostas capacidades afetivo-intelectuais no intuito de fabricar Um-Todo pleno e desenvolvido.

Nesse sentido, ainda de acordo com o mesmo autor (1996;p.30) cabe afirmar que enquanto a lei faz existir (existir fora de si) um sujeito do desejo (do proibido), ou seja, um sujeito da diferença (essa não, as restantes sim), a regra fabrica um indivíduo psicológico fechado em si mesmo e preso à ilusão narcisista de vir a fazer Um-Todo com o outro..

Afirmamos que na escola o que de fato está em pauta é, em última instância, um programa (hoje, caricato) de moralização da infância. Assim, se o dia-a-dia da escola se estrutura com vistas a fabricar uma criança afetivo-cognitiva ideal, bem como a partir da ilusão de que tal coisa é possível na medida do apego a uma lógica a priori de desenvolvimento necessário, não devemos, então, nos surpreender que o surgimento do imprevisto (ou acontecimento) seja considerado um desvio em relação a uma norma. Isto é, tudo aquilo que foge a um programa moral e/ou natural é, inevitavelmente, considerado um incidente de indisciplina, em vez de ser pensado como o retorno sui generis da diferença que habita o campo subjetivo. Lajonquière (1996;p.30)

Santos também afirma (2009 s/p) que os profissionais da educação comumente consideram a indisciplina como causa dos problemas de aprendizagem, há no imaginário escolar um amalgama entre aprendizagem, disciplina e maturação psicológica, esse discurso considera que o aluno ideal é o disciplinado.

Há de se aprender a desistir dessa exigência que quer encontrar no aluno real o ideal, assim livres moralmente dos

imperativos pedagógicos faz-se necessário se dedicar a reinventar o cotidiano escolar, ofertando aos alunos cultura e não migalhas pedagógicas embrulhadas em bondade psico-afetiva, assim se estará acertando eticamente com o passado que as sujeita para colher aquilo que quer socialmente e aceitável e lhe atribui um estatuto de existência explicável pelo mecanismos mesmo da exclusão. (Santos 2009 s/p)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola foi criada inicialmente para transmissão do saber. No entanto, hoje articula ao saber outras funções como política ao preparar o cidadão para democracia, como econômica ao preparar o aluno para o trabalho e social priorizando a igualização de oportunidades.

Nessa perspectiva, não basta a escola apenas a transmissão do saber, assim, o papel do professor deixa de ser o de transmissor para tornar-se organizador da aprendizagem e estimulador do desenvolvimento cognitivo e sócio afetivo do aluno.

Logo, dentro de uma escola de pensamento reflexivo e crítico o professor é chamado a assumir novos papéis como estudar e participar da problemática relativa a indisciplina escolar a qual afeta instituições públicas e privadas abrangendo alunos das mais diversas faixas etárias.

A indisciplina pode ser reflexo de diferentes ramificações como a sociedade capitalista, a família que hoje dedica menos tempo a criação dos filhos, a escola com suas regras pré estabelecidas, o professor pela sua personalidade ou método pedagógico ou o aluno o qual também pode ser visto como vítima do contexto, ou seja, o aluno é vítima da própria indisciplina , uma vez que, tem seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e social prejudicado.

O problema da indisciplina pode ser amenizado dentro da escola com a formação de grupos de estudos ou reuniões pedagógicas a fim de dialogar e refletir sobre o tema e discutindo práticas que envolvam os pais dos alunos, pois as famílias tem interesse em superar tais problemas, ocorre que elas sentem-se desorientadas em como agir .

Concluindo não existe uma fórmula ou uma técnica para solucionar a indisciplina em sala, cabe ao professor conhecedor de seus alunos evitar que pequenos problemas tornem-se situações de indisciplina , assim o professor pode rever sua metodologia ou seu currículo , pois o aluno aprende significativamente aquilo que lhe dá prazer em um ambiente harmonioso e de respeito mútuo.

5. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso . **Professor bonzinho = aluno difícil: a questão da indisciplina em sala de aula** . Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

BALTASAR e MORETTI . **As Relações Familiares, A Escola, e Sua Influência no Desenvolvimento Infantojuvenil e na Aprendizagem** 10/jan/2008. Retirado do site: http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura/39/ acesso 05/set/2010.

CHIELLE, Samantha de L. P. **A criança e a família: desenvolvimento emocional e ambiente familiar** – Revista Temas Sociais e Expressão. Frederico Westphalen: URI Editora. v.5, maio de 2006 p-138-157

ESTRELA, Maria Teresa **Relação Pedagógica, Disciplina Indisciplina na aula**. Porto Editora, 2002.

FLECHA e TORTAJADA .**Da sociedade industrial à sociedade da informação**. In IBERMÓN, Francisco. (org) . A Educação no Século XXI: Os desafios do futuro Imediato. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GURGEL, Thais. **Não há solução fácil. Mas é essencial trabalhar- como conteúdos de ensino – as questões relacionadas à moral e ao convívio social e criar um ambiente de cooperação**. In: Indisciplina: como se livrar dessa amarra e ensinar melhor. Nova Escola Revista, outubro de 2009, edição 226 (página 83 a 89)

LAJONQUIÈRE, Leandro de. **A criança, "sua" (in)disciplina e a psicanálise**. In: AQUINO, Júlio Groppa (org.). Indisciplina na escola : alternativas teóricas e práticas . São Paulo: Summus, 1996

PRESTES, Nadja Germann .**Educação E Racionalidade: Conexões E Possibilidades De Uma Razão Comunicativa** Na Escola Porto Alegre: Edipucrs,1996

SACRISTÁN, José Gimeno . **O aluno como invenção** . Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANTOS, Milton José dos. **Um estudo exploratório sobre a delinqüência escolar no Colégio Estadual José Guimarães**. Cia Norte Paraná – UEM . retirado do site: <http://www.psicopedagogia.com.br/> acesso dia 05/nov/2010.

SILVA, Fernanda Duarte Araújo. **Alternativas para enfrentarmos a indisciplina na escola.** (publicado 02/02/2009) retirado do site:

<http://www.partes.com.br/educacao/alternativas.asp> acesso dia 29/09/2010

VASCONCELLOS, Celso dos S. (In) **Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** São Paulo, Libertad, 2004.

VICHESSI, Beatriz **Indisciplina: como se livrar dessa amarra e ensinar melhor.** Nova Escola Revista, outubro de 2009, edição 226 (página 79 a 83)

ZAGURY, TANIA .**O Professor contra a parede** . Revista extra classe, agosto de 2006, edição 105 .